

O Equívoco da Manipulação¹

Lara Linhalis GUIMARÃES²

Evandro José Medeiros LAIA³

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

A cobertura da manifestação do dia 15 de março de 2015, em São Paulo, gerou uma série de debates por conta do desencontro sobre o número total de participantes. A partir desse fato, elencamos neste artigo uma série de situações contemporâneas nas quais se ergue, como entidade, a maiúscula da Manipulação. O procedimento está presente não só nas grandes corporações comunicacionais, mas também na nova comunicação dos coletivos de midiativismo, embora o procedimento seja negado enquanto prática em alguns casos e, em outros, seja justificada sua utilização como contra-narrativa. Se “manipulação” é o inverso possível de “aleatoriedade” (entidade pura de causa, propósito), poderíamos advogar pela existência de um jornalismo aleatório? Propomos ao final uma reflexão sobre a necessidade de se trazer ao centro do debate e da prática do jornalismo a ideia de Transparência: atrelar à ética profissional a defesa de um discurso cada vez mais cristalino em relação ao universo perspectívico do qual ele emerge e o qual ele constitui, pilar do que chamamos de Jornalismo de Perspectiva. Ruímos a maiúscula da manipulação ao afirmarmos, assim, sua existência.

Palavras-chave: jornalismo, antropologia, equívoco, manipulação, protestos.

A Manipulação

A cobertura dos protestos ocorridos no Brasil em 15 de março de 2015 gerou uma série de comentários envolvendo, principalmente, a divulgação dos números do dia, a exemplo da disparidade entre as medições do público que compareceu ao ato na Avenida Paulista, em São Paulo. Enquanto o Instituto de Pesquisas Datafolha calculou em 210 mil as pessoas “diferentes” que participaram dos protestos na luxuosa Avenida⁴ ao longo da tarde de domingo, o *twitter* da Polícia Militar-SP arredondou em um milhão o número de manifestantes na Paulista às 15h40. Na segunda-feira, o jornal *O Globo*⁵ e também o *Estado*

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda da Escola de Comunicação da UFRJ, email: laralinhalis@gmail.com.

³ Doutorando da Escola de Comunicação da UFRJ, email: medeiroslaia@yahoo.com.br.

⁴ <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2015/03/17/manifestacao-15-03.pdf>

⁵ “Democracia tem novo 15 de março”, era a manchete de capa do jornal *O Globo* do dia 16/03/2015. No corpo do texto, a divulgação dos números dos protestos pelo Brasil: “No dia em que o Brasil completou 30 anos da posse do primeiro presidente civil após 21 anos de ditadura militar, pelo menos 2 milhões de pessoas foram às ruas em todos os estados protestar contra o governo Dilma e o PT, defendendo a democracia em manifestações pacíficas marcadas pelo verde e

de São Paulo⁶ (Estadão) elegeram os números da PM-SP em uma das matérias de cobertura dos protestos. A *Folha de São Paulo*, a qual pertence o Datafolha, legitimou os números de seu Instituto de Pesquisa⁷. A dança dos números não parou de reverberar em dezenas de periódicos, brasileiros e internacionais⁸. A discrepância entre as quantidades divulgadas e a adesão a uma ou outra estatística logo foram condenadas por diversos articulistas e também rechaçadas nas redes sociais, inflando o fantasma que ronda, como martírio, os jornalistas: a Manipulação (em maiúsculo, porque tornou-se entidade). Também na segunda-feira, a Mídia Ninja divulgou um vídeo em sua *fanpage* com depoimentos de alguns participantes do ato em Copacabana, no Rio de Janeiro. Nos comentários, a acusação da parcialidade: “Estão ficando tão parciais quanto essa bosta de imprensa que temos por aí”; “O vídeo é tendencioso e desmoraliza as manifestações populares de maneira sutil, quase imperceptível”; “Mídia Ninja totalmente imparcial. #sqn. Pegaram meia dúzia de depoimentos de pessoas confusas e fizeram disso uma verdade absoluta”. Tanto no caso da opção por esta ou aquela estatística, quanto da edição do vídeo da Mídia Ninja, grande parte dos argumentos contrários a tal e tal prática baseia-se na premissa de que a tal da Manipulação seria a ruína do Jornalismo (em maiúscula, porque entidade).

São inúmeros os casos. No dia 23 de março de 2015, ainda no turbilhão da repercussão política/midiática dos protestos do dia 15, outro acontecimento irrompe para emaranhar ainda mais a teia de condenações. A agência Reuters publicou uma entrevista com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, reproduzida pelo carioca O Globo, contendo uma sugestão editorial no texto. A expressão “podemos tirar se achar melhor” apareceu no final do parágrafo em que foram associados o esquema de corrupção da Petrobrás e o governo de FHC, então presidente do Brasil. No dia seguinte à divulgação do texto, a hashtag #PodemosTirarSeAcharMelhor alcançou o segundo lugar nos *trending topics* do Twitter. A gafe editorial foi corrigida rapidamente, o que não impediu a proliferação de comentários a respeito do caso, grande parte na direção de um julgamento

amarelo. O maior ato ocorreu em São Paulo, onde cerca de *um milhão de pessoas tomou a Avenida Paulista*” [grifo meu]. Link do pdf da capa: http://portal.newsnet.com.br/portal/schneiderelectric/pdf.jsp?cod_not=1158712.

⁶O Estadão chegou a divulgar as duas estatísticas, a da PM-SP e a do Datafolha, mas deu destaque ao número divulgado pela PM-SP: <http://www.estadao.com.br/infograficos/politica,calculos-da-pm,385453>.

⁷A Folha de São Paulo também divulgou as duas estatísticas, mas deu destaque aos números divulgados pelo Datafolha: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1603421-protestos-ocorrem-em-todos-os-estados.shtml>.

⁸Ver: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_classe_media_vai_ao_paraíso.

rápido: mídia golpista⁹. Um *post* indignado da Mídia Ninja conclamava, no dia 24/03: “Basta de mídia partidarizada e anti-republicana. O Brasil merece informação de qualidade”.

Durante uma vivência de campo no Rio de Janeiro, em novembro de 2013, discutimos com Filipe Peçanha, o Carioca, *streamer* da Mídia Ninja e integrante do Coletivo Fora do Eixo (FDE), um episódio que, em nossa concepção, fora emblemático da mimetização pelo grupo de uma lógica de manipulação de dados tão ferrenhamente combatida por grupos midiativistas quando a prática é conduzida por empresas de comunicação, reunidas não raro na expressão “grande mídia”. A situação aconteceu em uma das coberturas do grupo em formação da Mídia Ninja em Juiz de Fora, quando da escolha da foto que entraria na postagem sobre uma manifestação de professores na cidade: a imagem escolhida foi aquela que passava a impressão de que muitas pessoas haviam participado do protesto, quando, na verdade, ele estava bastante esvaziado. No decorrer das nossas pesquisas, pudemos presenciar diversas situações parecidas, em que escolhas editoriais do tipo eram deliberadas após um ou outro telefonema, uma ou outra mensagem via *whatsapp* ou outro aplicativo de troca de mensagens instantâneas entre o Ninja na rua e aqueles aos quais havia sido atribuído, em algum momento, o papel de editores-chefes: normalmente, os integrantes mais “orgânicos” do FDE, aqueles que estão há mais tempo imersos num universo preciso de ideias. O que me levou a crer que a adoção de uma lógica de manipulação às avessas fazia parte da política editorial do grupo e que certas escolhas mais “polêmicas” deveriam passar por alguém mais “orgânico”.

Para Carioca, esse tipo de escolha deve ser inserido num contexto de luta de significados. As narrativas dos diversos movimentos sociais têm pouca visibilidade na mídia tradicional também por opções políticas e interesses específicos que, por sua vez, *preferem* menor ou maior ênfase aos assuntos. Ciro Marcondes Filho, ao discorrer sobre o “fim das ilusões” no jornalismo, acredita que a atividade é campo onde se realiza a luta por poder:

A imprensa instrumentaliza as informações que colhe, recebe ou mesmo fabrica-as, transformando-as em notícias para usá-las no jogo político-ideológico, em uma palavra, no jogo do poder. É de fato um jogo por que há lances, blefes, cartadas, guerras psicológicas e muita encenação (MARCONDES FILHO, 2009, p.178)

⁹ Ver: <http://www.revistaforum.com.br/blog/2015/03/erro-da-reuters-gera-mobilizacao-de-internautas-contrabindagem-da-midia-tradicional/> e <http://www.cartacapital.com.br/blogs/midiatico/podemos-tirar-se-achar-melhor-podemos-2154.html>.

É considerando então um contexto de disputas, que, para Carioca, seria legítima essa manipulação, já que dá mais visibilidade a narrativas invisíveis. Seria uma maneira de equalizar as forças. Uma metáfora midiática do jurídico Princípio da Equidade: tratar os iguais de maneira igual e os diferentes de maneira diferente. Uma manipulação do bem? Mais comum que imaginamos, como nos lembra Philippe Breton (2012), é a prática de servir-se do termo manipulação para designar conteúdos e opiniões com os quais não concordamos.

Pois bem. Naquele momento, a mimetização de uma lógica da manipulação às avessas tornou-se compreensível, embora ainda parecesse, para nós, um seríssimo desvio ético, e um completo equívoco no que diz respeito à finalidade imaginada: a utilização da mesma arma (discurso) e da mesma lógica (manipulação deliberada), para o mesmo propósito (convencer de algo), geraria outro fruto que não a doutrinação e a criação de mais e mais fronteiras emburrecedoras? Não deveríamos entrar nessa “guerra” com as mesmas armas, mas outras lógicas e outros propósitos?

Narcisismo jornalístico

Entre os principais paradigmas das Teorias do Jornalismo, figura uma informal Teoria do Espelho, na qual imprensa funciona como um espelho refletindo o real, os acontecimentos do cotidiano. Nesse sentido, o jornalista seria apenas um mediador neutro e imparcial de tudo o que acontece na sociedade. A primeira explicação sobre o jornalismo é oferecida pela própria ideologia profissional, é a mais antiga de todas e diz que as notícias são como são porque a realidade assim as determina. O jornalista aparece como um comunicador sem interesses, que tem apenas a missão de informar a Verdade (outra entidade mal explicada...), e passou a fazer parte do repertório da profissão com as mudanças ocorridas na imprensa no raiar do século XX, principalmente nos Estados Unidos, com a progressiva transformação das notícias em negócio. Os fatos substituíram os comentários, na confiança de que a palavra reflete a realidade observada tal como ela se apresenta. O jornalista passa a ser visto como alguém equilibrado, que evita emitir opiniões pessoais e não se deixa levar pelas ideologias, informando com o máximo de isenção possível. O texto jornalístico ganha então regras e procedimentos narrativos que devem seguir o formato de *lead* e evitar a subjetividade. Daí vem o mito da imparcialidade no Jornalismo. Uma concepção que, sem dúvida, tem relação com um jornalismo romântico,

ligado à imprensa de opinião de um mundo positivistas do século XIX, mas que ainda sobrevive, para além das aulas de Fundamentos do Jornalismo, mesmo depois da transformação do jornal numa grande indústria e a despeito de um século de reflexões teóricas sobre a atividade jornalística. Não é raro escutar de jornalistas experientes que a missão deles é retratar a realidade.

Nelson Traquina nos lembra que até hoje há dificuldade em abrir mão deste modelo, já que os jornalistas realmente acreditam nesta imparcialidade.

O *ethos* dominante, os valores e as normas identificados com o profissionalismo, faz com que dificilmente os membros da comunidade jornalística aceitem qualquer ataque à teoria do espelho porque a legitimidade e a credibilidade dos jornalistas estão assentes na crença social de que as notícias refletem a realidade, que os jornalistas são imparciais devido ao respeito às normas profissionais e asseguram o trabalho de recolher a informação e de relatar os fatos, sendo simples mediadores que “reproduzem” o acontecimento em notícia. (TRAQUINA, 2004, p.149)

A Teoria do Espelho é intimamente ligada à própria legitimidade do campo jornalístico. Felipe Pena (2005) faz uma reflexão interessante quando nos lembra que a metáfora do espelho é bastante limitada quando se tem conhecimento dos conceitos e fundamentos óticos da física: o que se observa é o que realmente se vê ou o que se mostra, apenas? Ele retoma os padrões de incidência da luz, a partir da Física Ótica, respectivamente:

- 1) A Reflexão Regular: quando a luz incide sobre a superfície plana e polida de um metal ou em um espelho mesmo;
- 2) A Reflexão Difusa: vê-se uma parede porque ela reflete a luz que vem de todo lado;
- 3) Refração da Luz: a luz incide sobre a água de uma piscina;
- 4) Absorção da luz: a luz incidindo sobre uma cartolina preta.

A Teoria do Espelho é baseada na categoria Reflexão Regular, por isso fica a questão: e os demais fenômenos óticos? A luz não incide somente de uma maneira sobre os objetos. O que o jornalista vê pode não passar de ilusão de ótica, é preciso ter consciência disso, não adianta “limpar” o espelho. Às vezes, ainda, o espelho é virado de lado, para não refletir determinados fatos. Dois exemplos, tirados da experiência de campo com repórteres, no Rio de Janeiro, durante a Copa do Mundo, ajudam a ilustrar isso.

O primeiro é de uma incursão pelo Complexo do Alemão acompanhando uma equipe de reportagem do SBT Rio. A sede da Delegacia de Polícia Civil e da Unidade de Polícia Pacificadora de Nova Brasília, uma das comunidades do Complexo, havia sido atingida por tiros durante uma madrugada. A estação Itararé do teleférico que corta o conjunto de favelas, também havia sido atingida, por isso não estava funcionando. Lá dentro, em determinado momento, o repórter Eduardo Oliveira conversava com um soldado da Polícia Militar, de nome Alex, tentando convencê-lo a registrar, com a Câmera do telefone celular, flagrantes que pudessem ser usados posteriormente no noticiário da emissora. O PM falou sobre um “vídeo que a Globo mostrou”, que trouxe problemas para a Polícia Militar. Eduardo respondeu: “Olha bem pra mim cara, meu nome é Eduardo Oliveira, isso aí é coisa da Globo, não fomos nós que mostramos. Eu não teria passado isso, não teria nem feito”. No caminho de volta para a emissora, Eduardo explicou que a tal reportagem da TV Globo mostrava um policial dizendo que “acertou o patinho”, depois de ter matado um menino, a tiros, na favela da Rocinha. O vídeo chegou até ele pelo *WhatsApp*, e teria chegado assim também para a produção da TV Globo. Eduardo completou dizendo que “nunca faria uma coisa dessas”, e que não leva vídeos para a redação que vão “foder a PM”. Isso porque, de acordo com o repórter, os policiais são parceiros de trabalho dele, ele não iria se expor e tampouco arriscar perder fontes. “O Alex, por exemplo, já ganhei. Tô negociando uma parada aí com ele, uma matéria super legal”¹⁰. O episódio mostra que há uma dinâmica de negociação com as fontes que nem sempre passa por questões como interesse público ou valor-notícia, mostrando o jornalismo como um espelho quebrado, que reflete pela metade, construindo figuras fragmentadas, às vezes monstruosas.

Outro exemplo é a fala de alguns jornalistas com relação aos desdobramentos em consequência da morte do cinegrafista Santiago Ilídio Andrade, depois de ser atingido por um rojão, disparado por manifestantes, durante um ato, em fevereiro de 2014, no centro do Rio de Janeiro. Em editorial lido no dia da morte de Santiago, o âncora e editor do Jornal Nacional, William Bonner, qualificou o episódio como atentado à liberdade de imprensa e exaltou a função dos jornalistas “profissionais” na construção do conhecimento sobre o mundo: “Foi uma atitude autoritária, porque atacou a liberdade de expressão; e foi uma atitude suicida, porque sem os jornalistas profissionais, a nação não tem como tomar

¹⁰ Trechos retirados das notas de campo sobre observação participante realizada no dia 17/06/14.

conhecimento amplo das manifestações que promove.¹¹ Nas reportagens, começa a partir de então a prevalecer um tom de acusação, sem muito espaço para defesa. Para o cinegrafista *freelancer* Tiago Ramos, “a morte do Santiago serviu como vingança da Globo contra manifestantes e também serviu, como o erro foi dos manifestantes, serviu pra acabar com a manifestação, porque criminalizou a situação toda”. Ele também lembrou que a cobertura do caso contou com a presença somente dos canais de TV, sem “mídia independente”, ou seja, cada um dos lados deste cabo de guerra acabou mostrando ou tornando ausente o que era interessante naquele momento, de acordo com o direcionamento editorial¹².

Augusto Lima, ex-integrante da mídia Ninja, faz críticas severas ao coletivo justamente pela seletividade das pautas. Ele e outros dissidentes do primeiro grupo que atuou como Ninjas no Rio de Janeiro, durante a jornada de junho de 2013, criaram o Coletivo Carranca, numa tentativa de trabalhar de maneira diferente do que era feito, no que diz respeito a essa seletividade. O desentendimento maior teria acontecido por conta do direcionamento da cobertura de alguns atos pontuais.

Me ligaram um dia no telefone e falaram: “Oh, não, não fala de, de mensalão, não.” – na altura do mensalão, que tava explodindo. “Não fala de mensalão no Live, não. Porque, cara, tá superdimensionado, a mídia já tá batendo muito nisso, não vamo falar disso, não, e tal.” (...) Também sentaram em cima da pauta do leilão de Libra. Sentaram em cima, não queriam falar. Aí, eu fui lá pra Barra, fiz a transmissão na marra no canal deles e, inclusive, pelo canal deles, que eu tinha a senha e quem fez o canal nem foram eles, né? (...) Ah, então, fui lá e transmiti na marra, no canal deles. Foi minha última transmissão pra eles.¹³

Jornalismo de Perspectiva

O fato é que combatemos diariamente a tal da manipulação como se houvesse uma alternativa absoluta a ela, como se fosse possível, através da linguagem, construir um discurso equilibrado, isento e plural – o contrário puro do discurso manipulado. Marcondes Filho teoriza sobre a palavra:

Manipulação não é uma questão moral, mas política [grifo meu]. É uma prática comum nos jogos, institucionalizada no blefe, mas incidente igualmente na política, assim como no processo de informação. É a tentativa de vender o mundo subjetivo, pessoal, particularista, como objetivo, geral, social. É a prática

¹¹ Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=jvqaTbOWqQc>

¹² Entrevista realizada em 16/06/14.

¹³ Entrevista realizada em 16/06/14.

de revelar dados que interessam e de sonegar os que não convém publicar. Não somente o do comunicador, mas todo o ato social que implique transmissão de informação é um processo seletivo. Transmite-se, divulga-se, faz-se publicidade dos fatos, das teorias, das visões de mundo, das crenças que interessam, conscientemente ou não (MARCONDES FILHO, 2009, p.182-183)

Ainda segundo o autor, do lado de quem recebe a informação e a reprocessa, há três elementos que "questionam" a manipulação, colocam o discurso "contra a parede": a *memória*, que atuaria como juíza em relação à credibilidade do enunciador, a *vivência* sobre o que está sendo representado através de um discurso e o *contexto* (quem está falando, onde está falando). E completa: "Não se exerce aqui nenhum juízo de valor sobre a manipulação ativa em si. De todas as formas, ela é a razão de ser do jornalismo: todos tentam vender seu peixe, seja o dono do jornal, seja o pequeno repórter, que mal entrou na empresa" (idem, p.186). Assim, o afamado grande mal da imprensa é, para o autor, sua *razão de ser*. O que coloca a transparência, não a manipulação (em minúsculo agora, porque *natureza do ser*, não *entidade*), em lugar de destaque no debate sobre a ética profissional.

Obviamente, há maneiras de se exercitar um certo equilíbrio de perspectivas no discurso. No caso do jornalismo, a exposição de premissas sobre as mais variadas temáticas e argumentos diferenciados sustentados em fontes também variadas e credíveis, insinua o alargamento das possibilidades interpretativas, que vão além da simples adesão e/ou repulsa. Mas a *tendência geral do texto*, o destino para o qual ele aponta, mesmo considerando uma variedade de caminhos; a tendência geral do texto será "em prol" de uma certa visão de mundo, ou de um conjunto de visões. Não estou dizendo com isso que essa orientação editorial surtirá o efeito desejado naqueles que irão consumir o discurso. Nada, absolutamente nada, é garantido. A intenção aqui é destacar a natureza do texto como *projeto*: a projeção da linguagem de nós mesmos, dos hábitos que nos cercam, das hierarquias vividas e sonhadas, da constelação de ideias que envolve cada tecer e ofício de mundo. E todo projeto que se preze defende uma idéia, ou várias. Manipulamos o universo ao nosso redor. Manipulação é o inverso possível da Aleatoriedade – entidade pura de causa, propósito. É possível imaginarmos escolhas de linguagem, olhares, traços, planos, entonação, movimentos corporais, puramente despropositados? O próprio ato de imaginar já é seletivo, porque tem o dedo da memória. Não há jornalismo aleatório.

O que nos leva a crer que o debate sobre qualidade no jornalismo nunca atinge o ponto de mutação - a grande virada profissional – porque, não raro, a discussão está centrada nos modos mais ou menos dialógicos de organização do discurso jornalístico. Ou

seja, a ânsia é por descobrir como podemos nos afastar mais e mais do ranço persuasivo, ao nos aproximarmos da utopia da aleatoriedade das escolhas. Sem desconsiderar a importância desse vislumbre, o que deveria estar no centro do debate, a nosso ver, é a Transparência do discurso: torná-lo mais e mais cristalino em relação ao universo perspectívico do qual ele emerge e o qual ele constitui. O que nos impulsionaria para a migração de um *Jornalismo de Isenção*, aquele que está sempre buscando algo que não pode atingir, para um *Jornalismo de Perspectivas*: o discurso inundado de transparência. Obviamente, há muitas prerrogativas para que essa proposta de migração não defina na tentação de presunção de verdade. Uma delas diz respeito à disposição pelo convencimento, premissa de qualquer ofício que esteja calcado na arte da escuta – o caso do Jornalismo. Outra prerrogativa seria a ampliação imaginária do “auditório” para além daquele que irá se identificar prontamente com a perspectiva cultivada no texto: a beleza do texto está em sua abertura, mesmo que defenda um projeto específico.

Essa breve reflexão nos permite adotar, ao menos provisoriamente, uma classificação de duas tendências existentes hoje, no Brasil, a respeito do *fazer* jornalístico, e uma proposta ideal que advogue pela adoção do que chamei anteriormente de “discurso inundado de transparência”. Tal classificação e proposta ideal ainda necessitam ser verificadas de maneira mais sistemática, porém, assumo desde já o risco de generalizar os atores partícipes de cada uma das duas classificações. A proposta ideal, entretanto, ainda é pobre de ecos significativos em nosso corpo social.

São elas:

1. meios de comunicação que se apoiam num “Jornalismo de Isenção”, cultivando a presunção da verdade, convalescendo sob a ilusão do acesso privilegiado ao mundo e condenando a todo custo a prática da manipulação. Nessa categoria estão a grande maioria dos atores midiáticos, arraigados aos mais arraigados valores do jornalismo, como as grandes corporações comunicacionais. *A falsa isenção é seu resultado mais desastroso.*
2. meios de comunicação que se apoiam no “Jornalismo Ativista”, que também cultiva a presunção da verdade e convalésce sob a ilusão do acesso privilegiado ao mundo, embora admita a prática da manipulação, justificada pela inserção do discurso num terreno de luta de significados. Nessa categoria estão parte dos coletivos de midiativismo. *A parcialidade tomada como verdade é seu resultado mais desastroso.*

3. proposta ideal: adoção do “Jornalismo de Perspectivas” (ou Jornalismo de Equívoco), que assuma a Transparência como premissa básica de cada passo. Embora defenda abertamente *projetos*, o Jornalismo de Perspectivas está sempre disposto a ser capturado por outro universo de ideias: não é eficiente a todo custo. Ainda, argumenta e relata tendo em vista um auditório presumido formado tanto por aqueles que concordam quanto discordam da perspectiva reinante.

Conclusão

Parece-nos proveitoso seguir, com vistas ao desenho dessa proposta ideal, o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2013), que vê as equivocções insurgentes no momento do trabalho de campo antropológico – o “contato” intercultural – como disjunções comunicativas: os interlocutores não falam a mesma coisa, nos mesmos termos e, não raro, ignoram esse descompasso. Para Viveiros de Castro, a equivocção deve ser justamente o meio de comunicação por excelência entre variadas posições de perspectivas. A disputa pelo termo Jornalismo e, como vimos, a utilização do termo Manipulação, a meu ver, parecem-me repletas de equivocções, e são vários os embates travados nas ruas e também via mídia.

Tais equivocções no campo da comunicação, no entanto, concretizam-se, não raro, em polarizações. As disjunções comunicativas continuam a vibrar em primeiro plano, incompreendidas. O equívoco aqui é justamente o abandono da compreensão do Equívoco. E isso tem alimentado a necessidade de uma espécie de “proteção identitária” por parte de um e outro grupo. Em seu Manifesto Ciborgue, Donna Haraway diz: “(...) meu mito do ciborgue significa fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades – elementos que as pessoas progressistas podem explorar como um dos componentes de um necessário trabalho político” (HARAWAY, 2000, p. 50). Haraway grita pelo ser autônomo, emancipado: o ciborgue, híbrido de máquina e organismo, recurso imaginativo e ficção. Mais que isso: é um manifesto pela legitimidade da incompletude: o não enquadramento da condição humana em modelos totalitários e identitários. É, a meu ver, o grito da Margem como Encontro. É o transbordamento do Equívoco, sua ode. O que vai de encontro a dicotomias utilizadas e defendidas nos embates os quais presenciamos hoje nas ruas e fora delas, e que incluem uma disputa entre jornalistas tradicionais e midiativistas pela posse de um pretensão fazer jornalístico *verdadeiro*: mantêm-se, no geral, uma fronteira bastante sólida e encharcada de ódio entre “Nós” e “Eles” e, junto a isso, disputas entre lógicas e

desejos nem sempre de fato diferenciados. A compulsão maníaca por encontrar um Inimigo atua, a meu ver, contra a possibilidade de subversão existencial defendida por Haraway e esperançosamente creditada a um Jornalismo de Perspectivas.

O manifesto atrelado a essa proposta ideal brada pela migração de uma Política Opositora para uma Política do Equívoco, onde a Transparência coordene a necessidade de se buscar maneiras de tecer enlaces ao invés de embates, pousarmos nos equívocos e povoarmos legitimamente outras perspectivas – assumindo sua historicidade e sua metamorfose, seus riscos e suas lutas. Fora dessa proposta, potencialmente estaremos encharcados, acredito, das mesmas dicotomias/perspectivas de sempre, e as mudanças possíveis com tanto ódio – sujeito dos embates atuais-, serão em sua maioria aquelas relacionadas a posições de poder (ainda seremos somente nós mesmos, velhacos nas mesmas dicotomias de sempre, embora em outras posições de poder). Não que o ódio seja ilegítimo. Ele é apenas insuficiente; quiçá o grande vilão da humanidade. Ainda no Manifesto Ciborgue, Haraway vai dizer que “uma visão única produz ilusões piores do que uma visão dupla ou do que a visão de um monstro de múltiplas cabeças” (HARAWAY, 2000, p.51). Ou habitamos a perspectiva do Outro, assumindo a incompreensão como essência do processo comunicativo (não necessariamente algo a ser combatido, algo negativo, mas algo orgânico a todas as relações) ou seremos cegos de uma única visão.

REFERÊNCIAS

BRETON, Philippe. **Como convencer? Da comunicação argumentativa à manipulação**. Trad. Flávia Silva Machado e Moisés Olímpio Ferreira. EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n. 3, p. 117-132, nov. 2012.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Antropologia do Ciborgue: As vertigens do pós-humano**. Autêntica: Belo Horizonte, 2000.

MACONDES FILHO, Ciro. **Ser jornalista: o desafio das tecnologias e o fim das ilusões**. São Paulo: Paulus, 2009.

PENA, Felipe **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: por que as notícias são como são**. V. 1. Florianópolis: Insular, 2004.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1993, p.75-90.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Perspectival Anthropology and the Method of Controlled Equivocation*. In: **Tipiti, Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America**, vol. 2, 2004. Disponível em: <http://digitalcommons.trinity.edu/tipiti/vol2/iss1/1>. Acesso em: 20 maio 2013.

_____. *Perspectivismo e Multinaturalismo na América Indígena*. In: **A Inconstância de Alma Selvagem**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, pp. 345-399.